

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Geociências  
Bacharelado em Geografia

Daniel de Souza Menezes

**Geografia e Música:  
Representação do território regional do Rio Grande do Sul através das  
músicas da Califórnia da Canção Nativa**

Porto Alegre

2023

Daniel de Souza Menezes

**Geografia e Música:  
Representação do território regional do Rio Grande do Sul através das  
músicas da Califórnia da Canção Nativa**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial à  
obtenção do título de bacharel em Escolha na  
área do Instituto de Geociências da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michele Lindner

Porto Alegre

2023



## CIP - Catalogação na Publicação

Menezes, Daniel

Geografia e Música: Representação do território regional do Rio Grande do Sul através das músicas da Califórnia das Canções Nativas / Daniel Menezes. -- 2023.

55 f.

Orientadora: Michele Lindner.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Bacharelado em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Geografia. 2. Território. 3. Música. I. Lindner, Michele, orient. II. Título.

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Daniel de Souza Menezes

### **Geografia e Música:**

#### **Representação do território regional do Rio Grande do Sul através das músicas da Califórnia da Canção Nativa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Geografia do Instituto de Informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Michele Lindner

**Aprovado em:** Porto Alegre, 19 de abril de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

---

Dr.<sup>a</sup> Michele Lindner  
UFRGS

---

Dr. Marcelo Argenta Câmara  
UFRGS

---

Dr.<sup>a</sup> Rosa Maria Vieira Medeiros  
UFRGS

## RESUMO

Este trabalho teve como finalidade analisar a representação territorial regional presente nas músicas gaúchas, propagando costumes ligados ao tradicionalismo gaúcho. A música tradicionalista gaúcha está intimamente ligada à formação do estado do Rio Grande do Sul, descrevendo aspectos de sua natureza única no país e os costumes regionais. Através de grupos tradicionalistas, eventos musicais foram criados para disseminar a cultura gaúcha ligada ao Pampa por todo estado, entre eles, o festival da Califórnia da Canção Nativa foi o mais bem sucedido e gerou um modelo para eventos semelhantes. A análise das canções feitas em sua 20ª edição apresentou temáticas específicas que tem como finalidade construir uma tradição e imaginário cultural hegemônico para a região. Ao final pode-se perceber que a música regional teve um papel de extrema importância para a constituição da identidade gaúcha, principalmente analisando um festival que prioriza uma determinada identidade cultural para o estado. Estas músicas carregam uma série de significados e símbolos que pretendem desenvolver uma identificação com a população residente do estado e auxiliar na constituição de uma identidade territorial.

**Palavras-chave:** Geografia, Território, Música, Califórnia da Canção Nativa.

## ABSTRACT

This work aimed to analyze the regional territorial representation present in gaucho songs, propagating customs linked to gaucho traditionalism. Gaucho traditionalist music is closely linked to the formation of the state of Rio Grande do Sul, describing aspects of its unique nature in the country and regional customs. Through traditionalist groups, musical events were created to disseminate the gaucho culture linked to the Pampa throughout the state, among them, the festival of Califórnia da Canção Nativa was the most successful and generated a model for similar events. The analysis of the songs made in its 20th edition presented specific themes that aim to build a hegemonic cultural tradition and imaginary for the region. In the end, it can be seen that regional music played an extremely important role in the constitution of the gaucho identity, especially when analyzing a festival that prioritizes a certain cultural identity for the state. These songs carry a series of meanings and symbols that intend to develop an identification with the resident population of the state and help in the constitution of a territorial identity.

**Keywords:** Geography, Territory, Music, California of Native Songs.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa com Bioma Pampa no estado do Rio Grande do Sul.....27



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Música Reflexão .....	37
Tabela 2 – Negro da Gaita .....	40
Tabela 3 – Descaminho .....	43

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>12</b>
<b>3 MÚSICA E GEOGRAFIA: ENTENDENDO O TERRITÓRIO E A IDENTIDADE REGIONAL .....</b>	<b>17</b>
<b>3.1 TERRITÓRIO E IDENTIDADE .....</b>	<b>17</b>
<b>3.2 REGIÃO E REGIONALISMO.....</b>	<b>20</b>
<b>3.3 MÚSICA E GEOGRAFIA .....</b>	<b>24</b>
<b>4 A IDENTIDADE TERRITORIAL GAÚCHA A PARTIR DA PRODUÇÃO MUSICAL TRADICIONALISTA .....</b>	<b>26</b>
<b>4.1 DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL DO RIO GRANDE DO SUL.....</b>	<b>26</b>
<b>4.2 SIMBOLISMO E IDENTIDADE CULTURAL LIGADAS E O SURGIMENTO DO NATIVISMO .....</b>	<b>30</b>
<b>4.3 CALIFÓRNIA DA CANÇÃO NATIVA E SUAS MÚSICAS .....</b>	<b>35</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>
<b>ANEXO A – LETRA DA MÚSICA “REFLEXÃO” .....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXO B – LETRA DA MÚSICA “NEGRO DA GAITA” .....</b>	<b>53</b>
<b>ANEXO C – LETRA DA MÚSICA “DESCAMINHO” .....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso do bacharelado em geografia apresenta questões que envolvem a construção de identidade cultural e territorial da população do Rio Grande do Sul, Brasil, através da música. Estado mais ao sul do país, que se diferencia por seu clima subtropical, fauna e flora adaptadas para o frio e desenvolvimento territorial histórico através da disputa entre os povos ibéricos, africanos e originários. Esta identidade gaúcha, influenciada por diversos agentes históricos, personalidades e paisagem, foi sendo construída e disseminada através de suas produções artísticas, principalmente musical, gerando uma ligação muito grande com seu território.

Primeiro haveria o que é chamado de “o isolamento geográfico do Rio Grande do Sul” e que seria responsável pelo estado ser “um rodo separado do mundo pelos areais litorâneos, pelos rios, pelas serras e pelas selvas”. A natureza, ao mesmo tempo que teria premiado os gaúchos com um espaço físico dos mais favoráveis e benéficos às atividades humanas, os teria contemplado com uma posição de difícil acesso, ilhando-os no Continente de São Pedro e fazendo com que este ficasse isolado por dois séculos do Brasil. (OLIVEN, 2006, p.26).

A cultura Brasileira se desenvolveu de maneiras diferentes pelo seu território, devido a seu tamanho continental, suas diferentes formas de desenvolvimento se relacionam com o modo de ocupação territorial de sua população e disseminação cultural através de suas artes. Uma das principais maneiras de se propagar tradições, padrões sociais, dialetos é através da música e uma das regiões brasileiras que mais está ligada à sua musicalidade é o estado do Rio Grande do Sul, com seus festivais e músicas ligadas aos movimentos nativistas.

Um canto é “uma ação complexa - música mais fala, que estabelece uma relação entre os cantores e um grupo maior, em uma situação espacial, a partir de determinados padrões de comportamento, e dando origem a uma experiência emocional comum” (BAUER, 2002, p. 376, apud LOMAX, 1959, p. 928).

Partindo desta particular constituição do território do Rio Grande do Sul, é possível analisar a identidade territorial do gaúcho retratada na produção musical regional. As Músicas que retratam aspectos históricos, vinculados a uma geografia particular do sul do Brasil, nas palavras do antropólogo Ruben George Oliven, a posição estratégica do Rio Grande do Sul faz com que ele seja visto como uma área

limítrofe que estaria nas margens do Brasil e que poderia tanto fazer parte dele como de outros países dependendo do resultado das forças históricas em jogo (OLIVEN, 2006, p.63). A musicalidade é influenciada pelo contato com os vizinhos castelhanos, de origem espanhola e em seus poemas apresenta a paisagem vinculada ao bioma pampa presente na fronteira entre países.

Através da reconstituição histórica, se estuda o desenvolvimento do estado até a atualidade, observando os símbolos que estão ligados na sua produção cultural e artística. O Pampa brasileiro se estende por 700 km<sup>2</sup>, mas está presente em apenas 2% do território nacional, dentro do estado do Rio Grande do Sul, gerando um grande impacto no modo de vida da população local. A cultura que se desenvolveu neste ambiente, sofreu transformações em sua história, sendo ressignificada e utilizada como identidade regional para todo o estado e dando nome Gaúcho aos nascidos no estado.

Estas tradições sul-rio-grandenses estão ligadas ao modo de vida de populações que se estabeleceram no Pampa, com fronteiras fluidas entre os países vizinhos e vivendo do corte e produção de charque produzido nas estâncias. Chamados de gáuchos viraram gaúchos, ao passar dos anos sua imagem foi se tornando a identidade do estado, apropriada pelo movimento tradicionalista e posteriormente o nativista, que desenvolveu meios de propagação da figura desta personalidade do pampa gaúcho. Através de movimentos contemporâneos de intelectuais, estes grupos se organizaram e desenvolveram meios para fortalecer a identidade regional.

Outro aspecto importante que auxilia no estudo do objetivo principal é a influência da música no território. O desenvolvimento musical, subjetivo, através da escrita e composição sonora, propaga ideias e dissemina uma tradição com maior facilidade. Como o ambiente físico é representado na música e como ele modifica a percepção regional e nacional que se tem do estado do Rio Grande do Sul.

Uma dessas formas de propagar a identidade Gaúcha foram festivais musicais, um dos primeiros entre eles, é o Califórnia da Canção Nativa, que iniciou suas atividades em 1971 e premia seus vencedores com o troféu Calhandra de Ouro. Sua criação deu início ao movimento nativista, grupo que visa dar ênfase aos costumes

gaúchos, este evento perdura até os dias de hoje e traz premiações para os poemas e melodias que se ligam às tradições e figuras gaúchas. Canções que influenciaram a produção cultural regional, o imaginário popular nacional que se tem do estado do Rio Grande do Sul e o modo de vida da população local.

Entende-se a música como uma produção artística, uma área que trabalha com a subjetividade, criando poemas e melodias, que tem a força de refletir o meio material e delimitar território, buscou-se responder o problema de pesquisa: Os elementos identitários que a música apresenta revela uma constituição da territorialidade regional?

O objetivo geral deste trabalho foi analisar como é retratado o território regional gaúcho através das músicas produzidas no festival Califórnia da Canção Nativa. Dessa forma, para chegar ao objetivo geral, buscou-se através dos objetivos específicos:

- Entender de que maneira se desenvolveu a região do Rio Grande do Sul;
- Identificar os símbolos da identidade gaúcha para os movimentos tradicionalistas;
- Analisar como o território gaúcho é apresentado em músicas presentes na 20ª edição do festival Califórnia da Canção Nativa.

Dessa forma, o trabalho está dividido em cinco partes, sendo a primeira a introdução que apresenta a temática e os objetivos. Na segunda parte se trouxe a metodologia da pesquisa, que enfoca todo o percurso desde a escolha e coleta de informações até as análises. Na terceira parte, como forma de embasar a pesquisa é trazido o referencial bibliográfico, abordando temas relevantes para a análise como identidade e território, região e regionalismo e geografia e música. No desenvolvimento que conta a análise das músicas escolhidas e conclusão que faz o fechamento de ideias. Ao final também constam as referências literárias utilizadas no processo de pesquisa e apêndices com as músicas utilizadas para a análise.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa desenvolvida neste trabalho tem um teor subjetivo. Trabalhar com uma produção artística requer um estudo de percepção, atenção aos detalhes da relação autor e sua arte. A música tem uma forte relação com o músico, que por sua vez, relata muito de sua vivência e cultura que está inserido. Com isso, as músicas nativistas, popularizadas na década de 70 no Rio Grande do Sul, Brasil, se tornam um veículo de constituição do território e propagação cultural no estado.

Nesse contexto, a metodologia desta pesquisa possui caráter qualitativo, devido à complexidade do tema que estuda uma extensa área brasileira, o estado do Rio Grande do Sul a partir de músicas. A produção cultural, musical, no sul do Brasil retrata sua paisagem e meios de vida únicos no país, passando por um processo histórico de conflitos pela ocupação do espaço.

A pesquisa qualitativa tem como identidade o reconhecimento da existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, de uma interdependência viva entre sujeito e objeto e de uma postura interpretativa, constituindo-se como um campo de atividade que possui conflitos e tensões internas (RAMIRES e PESSÓA, 2013, p.25).

Como se buscou estudar um grupo social específico, delimitado por sua localização geográfica e suas características histórico-culturais, recorreu-se a etnografia. Esta abordagem é descrita como um processo que foca na descrição de eventos e cultura de um determinado grupo social.

A pesquisa etnográfica abrange a descrição dos eventos que ocorrem na vida de um grupo (com especial atenção a estruturas sociais e o comportamento dos indivíduos enquanto membros do grupo) e a interpretação do significado desses eventos para a cultura do grupo. (GODOY, 1995, p.28)

A abordagem etnográfica foi importante para o estudo que focou em um grupo, a população tradicionalista gaúcha, que através da música propagou seus valores. Este grupo se apropriou de valores antigos para gerar dominância de uma cultura em particular, sendo mais bem descrita no desenvolvimento deste trabalho.

É fundamental a noção de que essas músicas carregam um conteúdo que reflete em sua época e ambiente de criação, sem poder ser analisada de maneira separada de seu período histórico. Tendo isso em mente, o trabalho apresenta um contexto histórico do período da criação do festival de música, Califórnia da Canção Nativa, levando em conta sua criação e a 20ª edição em que as músicas analisadas foram apresentadas.

Essas informações apresentam-se relevantes em um estudo qualitativo que tem como objeto de análise músicas, as composições das canções englobando diversos fatores estudados.

A maioria dos eventos musicais de um ponto de vista ocidental, pode ser caracterizado a partir de diversas dimensões: melodia, que é a sequência de tons que nós podemos facilmente lembrar; a harmonia, que é o sistema que ordena a melodia; o ritmo, que é o tempo de progressão da música; o fraseado, que é a ligação e a separação das notas em unidades amplas; a dinâmica, que são as variações de sonoridade e velocidade; a forma, que são a designação dos instrumentos para papéis específicos. Cada uma dessas características, possui suas próprias convenções que, separadas ou combinadas, podem servir como indicadores culturais (BAUER e GASKELL, 2002, p. 378).

As definições técnicas de melodia, harmonia, ritmo, fraseado, dinâmica e forma, não são o foco deste trabalho. Mas o importante destas composições são a temporalidade que foram produzidas, que influências que a música sofreu, qual o intuito de suas letras e o que elas carregam. As composições musicais trazem uma determinada cultura em todos os aspectos descritos, deixando legados que por fim influenciaram seu meio.

Após definir a abordagem e tema da pesquisa, buscaram-se os conceitos científicos relevantes, trazendo autores que estudam as temáticas, relacionando e produzindo uma síntese dessas ideias. Assim, o referencial teórico focou em três eixos principais para dar o embasamento para o desenvolvimento da pesquisa. Iniciou com o estudo do território regional e sua identidade, conceitos muito utilizados na geografia, com um amplo desenvolvimento em literatura e que foi ganhando cada vez mais complexidade em abordagens modernas. Em seguida a constituição de região e regionalidade, dois conceitos que se ligam com os processos históricos da formação do estado. Finalizando o referencial teórico, foi feito um estudo das relações da música e a geografia. Essa difícil relação se foca na maneira que a percepção do artista

descreve seu ambiente e transmite a cultura pelo espaço, através da musicalidade. É uma relação de ambos os fatores, que se modificam com o passar do tempo e constroem a rede de relações e dominância do território.

Uma revisão de literatura que procure recuperar a evolução de determinados conceitos enfatiza aspectos muitos diferentes daqueles contemplados em um trabalho de revisão que tenha como objetivo, por exemplo, familiarizar o pesquisador com o que já foi investigado sobre um determinado problema de interesse (LUNA, 1997, p.20).

As músicas analisadas neste trabalho fazem parte do festival Califórnia da Canção Nativa, mais especificamente de sua 20ª edição (1990). O primeiro festival de músicas regionais de 1971, criado em conjunto com o movimento nativista, está em atividade até os dias atuais e é um modelo de competição musical para uma série de eventos semelhantes.

Importa destacar duas coisas. Primeiro, a absoluta identidade entre Tradicionalismo e Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Dessa forma, sempre que aqui se empregar o termo Tradicionalismo, quer-se referir ideias ou práticas do MTG, ou por ele sugeridas, ou endossadas, através de seus membros ou dirigentes. Segundo: pela primeira vez utiliza-se o termo “nativista”, que no contexto poderia simplesmente ser substituído por “regional”. O termo “nativista”, contudo, só passaria a ter uso corrente com a disseminação de festivais de “música nativista” por todo o interior do Estado, a partir da década de 70, sendo o primeiro deles a Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul (SANTI, p.25-26, 1999).

O Festival ganha essa importância como objeto de estudo por se relacionar com o território gaúcho, por estar diretamente ligado ao Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). Sendo o MTG um movimento cultural de grande importância para a propagação da cultura gaúcha idealizada por seus criadores.

O 20º Festival da Califórnia da Canção Nativa foi especial, sendo o ano comemorativo e início de uma nova década. Compilando músicas que tinham marcado o festival, sendo três discos (LPs) comemorativos. Para um recorte mais específico, foi escolhido as três músicas de abertura de cada um desses LPs, canções diretamente ligadas aos movimentos culturais do nativismo gaúcho e composição de abertura desses álbuns musicais.

As canções analisadas nesta pesquisa são reproduções novas feitas para estes álbuns, reinterpretando por novos cantores, diferentes dos intérpretes originais.



Estas músicas são, Reflexão (Grupo Marupiaras) abre o 1º LP, Negro da Gaita (César Passarinho) abre o 2º LP e Descaminho (Délcio Tavares) abre o 3º.

O estudo das músicas escolhidas seguiu um processo de análise das letras e mensagem presente nas canções, o que está sendo descrito pelo cantor. Desta forma foi buscado as similaridades entre as músicas, que apresentam identidades semelhantes, retrata as práticas dos gaúchos, sua natureza e modos de. Apresentar a mensagem está sendo propagada através de sua poesia, gerando identificação com a população local e fortalecendo a cultura predominante no território e fora dele.

A técnica empregada no estudo das letras das músicas vai ser pelo processo de análise de conteúdo. Iniciando com uma leitura fluente do poema das canções e formulando hipóteses que auxiliam no entendimento do processo metodológico.

A análise de conteúdo é uma leitura “profunda”, determinada pelas condições oferecidas pelo sistema linguístico e objetiva a descoberta das relações existentes entre o conteúdo do discurso e os aspectos exteriores. Ademais, a técnica permite a compreensão, a utilização e a aplicação de um determinado conteúdo (SANTOS, 2012, p.5).

Este tipo de análise auxilia no entendimento do contexto empregado nas músicas. A existência de um texto cria um entendimento de uma intencionalidade do que está sendo falado na canção por seus autores, que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção (variáveis inferidas) das mensagens. (BARDIN apud TRIVINOS (1987, p. 160). A metodologia entrega as ferramentas para que seja relacionada a leitura com o contexto histórico e geográfico estudado.

Para realizar o estudo, foi utilizado um critério metodológico, que auxiliou na análise do conteúdo presente nas músicas. Algumas palavras-chaves, de cada música, foram destacadas e colocadas em tabela e relacionadas com os estudos desenvolvidos de constituição territorial. Desta forma os termos separados da canção foram divididos nos seguintes grupos:

- Natureza, com a finalidade de destacar os aspectos naturais que compõem a paisagem regional.

- Movimento, relacionado diretamente com a vida idealizada do gaúcho, palavras que trazem o sentido constante de deslocamento pelo espaço.
- Permanência, palavras que se ligam com a necessidade de se fixar ao espaço, de estar ligado a um território.
- Regionalismo, linguagens e costumes presentes na tradição gaúcha.

As tabelas vão apresentar o panorama geral do que está sendo descrito na música, com alguns termos se repetindo entre os grupos. Esta repetição é crucial para analisar algo de cunho artístico, a interpretação é muito importante, com uma série de significados para determinada palavra.

Estes elementos de destaque, criaram uma unidade identitária do estado, que reflete na maneira que a região é vista pelo resto do país, estão. Isolando estas palavras, destacam-se em grupos, agrupando nos sentidos inferidos em um contexto histórico e geográfico. Desta forma pode-se analisar separadamente o sentido entregue a cada música, por cada autor e por fim agrupar esta seleção de canções para um estudo em conjunto.

### **3 MÚSICA E GEOGRAFIA: ENTENDENDO O TERRITÓRIO E A IDENTIDADE REGIONAL**

A geografia cultural trabalha com as representações simbólicas presentes no espaço, inicialmente estudados as marcas físicas presentes no espaço devido às ações humanas e posteriormente ampliando seu estudo para as formas mais subjetivas. Esta ciência se especializou na análise dos mecanismos de comunicação que são responsáveis pela transmissão da cultura (CLAVAL, 2011, p.12).

Desta forma temos o conhecimento de que além de marcas físicas no espaço geográfico, a geografia cultural está ligada às diversas características. Ela é um forte instrumento para estudar os conflitos e as divisões de poder em determinado território, necessários para entendimento deste trabalho.

Ela permite compreender uma boa parte dos conflitos sociais na escala local como também na escala das nações e no nível internacional - daí o sucesso da geografia crítica. Ela esclarece também a gênese dos fundamentalismos, a proliferação das seitas e o interesse para com o patrimônio (CLAVAL, 2011, p.22).

A produção musical tradicionalista do Rio Grande do Sul se intensifica em um contexto de reafirmação identitária. Foi pensado através de intelectuais do século passado que colocaram sua intencionalidade no fomento desta produção cultural e influenciaram o território e é retratada pela música. Nesse contexto, para que se entenda o território e a identidade regional através da música é necessário passar pelo entendimento de determinadas categorias e conceitos ligados à geografia.

#### **3.1 Território e identidade**

Um dos processos mais antigos de interação entre homem e a natureza é a constituição de territórios. No território há uma conjugação entre aspectos da economia, da política, da cultura e da natureza exterior ao homem (SAQUET, p. 56, 2007). Desta forma se segmenta o espaço em diversas escalas e sentidos, de ordem política devido às relações sociais de dominância presentes.

Mesmo o território sendo um estudo clássico da geografia e termo utilizado coloquialmente pela população, os autores se debruçam sobre esse assunto para

estudar as mudanças que o conceito sofre com o passar do tempo. De uma forma contemporânea os entendimentos de território são abordados com aspectos sociais, pois a interação das sociedades com seu espaço desenvolve divisões que ultrapassam o físico, criando ordenamento de relações de poder. Marcos Aurelio Saquet aborda as construções sociais para a definição de um território:

O território é apropriado e construído socialmente, resultado e condição do processo de territorialização; é produto do processo de apropriação e domínio social, cotidianamente, inscrevendo-se num campo de poder, de relações socioespaciais, nas quais, a natureza exterior ao homem está presente de diferentes maneiras (SAQUET, p. 58, 2007)

As relações entre o que se tem no ambiente natural e as necessidades humanas que geram estas divisões. O território se transforma, desenvolve sentidos subjetivos, sem a necessidade de que uma mudança física aconteça no espaço. A intencionalidade de um trabalho desenvolvido pelo ser humano reflete no material e geram as articulações necessárias para exercer esta divisão.

Uma questão fundamental, nesta reflexão, é reconhecer as interfaces e as interligações existentes entre as diferentes dimensões do território. O processo de apropriação do território é econômico, político e cultural, no qual, a natureza exterior ao homem está presente e é influente, como já afirmamos. O território é resultado e condição desta articulação e unidade. (SAQUET, p. 68, 2007)

Com esse fator antrópico predominante, um território tem a ver com dominância, nas relações sociais de uma determinada região. Podendo ter diversas escalas de dominância e representatividade no espaço, apresentando a força dos símbolos de determinada cultura. Esta pluralidade de territórios é muito estudada por Rogério Haesbaert em sua literatura, que discute esta “multiterritorialidade”.

O mais importante de destacar na nossa experiência multiterritorial contemporânea é o fato de que não se trata simplesmente [...] da imbricação ou da justaposição de múltiplos territórios que, mesmo recombinaos, mantêm sua individualidade numa espécie de “todo” como produto ou somatório de suas partes. A efetiva multiterritorialidade, hoje, seria uma experiência profundamente inovadora a partir da compreensão espaço-temporal (HAESBAERT, p.39, 2007)

O Brasil é um país continental que mantém sua soberania nacional, com seu território delimitado, mas contendo muitas organizações internas. A “multiterritorialidade” tratada por Haesbaert estuda essa rede de múltiplas territorialidades dentro de um espaço.

Mais recentemente, nas sociedades ditas "de controle" ou, para nós, "de segurança" (e, para outros, num outro sentido, "pós-modernas"), vigora o controle e/ou a contenção da mobilidade, dos fluxos (redes) e, conseqüentemente, das conexões, o território passa então, gradativamente, de um território mais "zonal" ou de controle de áreas (lógica típica do Estado-nação) para um "território-rede" ou de controle de redes (lógica típica das grandes empresas). Aí, o movimento ou a mobilidade passa a ser um elemento fundamental na construção do território. (HAESBAERT, p.28, 2007)

Desta forma esta rede é controlada pelo Estado brasileiro, mas seus pontos se mantêm com identidades individuais. Os gaúchos do estado do Rio Grande do Sul estão inseridos nesta malha de relações de poder, sendo um dos fluxos de poder regional que são delimitados dentro do país.

Esta relação de poder dentro de um território é fortalecida pela identidade predominante de grupo social. As identidades individuais e coletivas são fortemente ligadas ao desenvolvimento da consciência territorial (CLAVAL, p. 99, 2013). Eles fortalecem símbolos e costumes culturais que expressam seu domínio em uma região, passando os valores através do tempo. Estas características em comum entre as pessoas são refletidas no espaço e tempo, mas não se limitam por eles.

Os traços que caracterizam as pessoas são tão numerosos que somente uma parte é retida para definir a identidade. Isto significa que, a partir da mesma situação, outras conceitualizações seriam possíveis. Mas a identidade, uma vez definida, contribui para fixar a constelação de traços que ela reteve, e subtrai-los dos desgastes do tempo. (CLAVAL, p. 131, 2013)

Os gaúchos contemporâneos do Rio Grande do Sul desenvolveram sua identidade com a percepção de símbolos e costumes de uma outra época. Se apropriaram de características que se modificaram com o tempo e foram utilizadas em outros espaços geográficos, para constituir seu território e impor sua dominância. Esta força identitária foi construída, como um modo de fortalecer um grupo social local em meio a uma sociedade moderna, Haesbaert comenta este reforço identitário na sociedade contemporânea:

Partimos do pressuposto de que na modernidade contemporânea [...], com seu ritmo multifacetado e sua complexidade, apesar do conteúdo técnico e da globalização que ela promove, não há o domínio irrestrito da desterritorialização. Surgem também novas formas de identidade territorial e controle do espaço, que não se organizam apenas como territórios em sentido estrito, com fronteiras bem definidas e relativa homogeneidade interna, mas num amálgama complexo com redes de diversas ordens que extrapolam em muito a espacialidade das superfícies e fronteiras tal como até aqui temos reconhecido. (HAESBAERT, p.27, 1997)

Embora esta proposta moderna de Haesbaert fale que a identidade depende de uma fronteira, pois pode haver um processo de descentralização do ambiente de determinada população. O autor também reitera que as delimitações territoriais reforçam este processo identitário, conversando muito bem com os processos que ocorreram no sul do Brasil.

Poderíamos dizer que, se a fronteira indica ao mesmo tempo o fechamento e a extroversão, a classificação proporcionada por esses recortes espaciais, através da atribuição de significados ao espaço, pode reforçar, legitimar ou dar forma a identidades territoriais específicas, o que extrapola o caráter político do território. (HAESBAERT, p. 36, 1997)

Os gaúchos se reforçaram enquanto uma identidade regional, se apropriando de roupas, fala, arte e principalmente costumes. Constituindo um território que reforça seus símbolos através de uma série de meios de transmissão pelo espaço.

Estes meios de transmitir a identidade pelo espaço são diversos, podendo ser impostos por uma força física ou subjetiva. Nesta pesquisa, se ateu ao focar na transmissão passiva destes valores identitários, que podem ser vistas por marcas culturais passadas pela geração. Um trabalho de comunicação desenvolvido por técnicas que priorizam um determinado grupo social.

A comunicação tem, muitas vezes, um conteúdo prático e técnico. Nesse caso, o problema é o de assegurar a transferência de uma quantidade importante de informações. A comunicação também pode ter um conteúdo simbólico. Nesse caso, um sinal breve basta, para fazer ressoar os corações de muitas pessoas ao mesmo ritmo e dar um sentido de identidade compartilhada. (CLAVAL, p. 101, 2013)

A moralidade se torna um mecanismo de propagação identitária, juntando um ritmo se torna um meio muito mais eficaz de transmissão. A música gaúcha facilitou que a identidade construída com seus costumes e história fosse facilmente assimilada pela sociedade por todo território do estado.

### **3.2 Região e regionalismo**

O ato de regionalizar é algo muito antigo, juntar as características geográficas de um espaço e classificá-las para uma melhor organização. Assim se constitui um subespaço do espaço total, aparece como o melhor lugar para a realização de um certo número de atividades (SANTOS, 1988, p.49). As características semelhantes

presentes em uma região desenvolvem uma rede de ligações, físicas e subjetivas, que preenchem um determinado espaço e criam esta subdivisão regional.

Pode-se agrupar estas características de diversas formas, políticas, físicas, biológicas e sociais. Estas ligações geográficas mostram a necessidade de organização do espaço durante o contato entre o antrópico e a natureza, sendo mutáveis com o passar do tempo. Desta forma, o próprio conceito foi ganhando mais complexidade, enquanto as relações humanas foram se desenvolvendo com seu espaço e se tornando mais complexas, Milton Santos fala sobre essas modificações do conceito de “região”.

Argumenta-se, hoje, e com grande insistência, que a antiga noção de região não pode resistir às configurações atuais da economia, governada, nos diversos países, por uma internacionalização do capital que abarca novas formas. Houve um momento em que a região era considerada como a categoria par excellence do estudo espacial (SANTOS, 1988, p.47).

O Brasil em seu tamanho continental desenvolve uma série de regionalizações que advém das diferentes formas de relações de seus habitantes com o território nacional. Se observa o caráter tradicional da regionalização, desta divisão espacial por suas características físicas, mas também apresenta a regionalização contemporânea, ligada às relações sociais e comerciais.

A região se definiria, assim, como o resultado das possibilidades ligadas a uma certa presença, nela, de capitais fixos exercendo determinado papel ou determinadas funções técnicas e das condições do seu funcionamento econômico, dadas pela rede de relações acima indicadas. Pode-se dizer que há uma verdadeira dialética entre ambos esses fatores concretos, um influenciando e modificando o outro (SANTOS, 1988, p. 49).

Milton Santos (1988) desenvolve este diferente olhar na regionalização através de relações mais contemporâneas na sociedade, trazendo uma visão da divisão do trabalho, podendo ser relacionado diretamente com o processo de regionalização do sul do Brasil. A atividade comercial ligada à produção de gado para corte, desenvolveu esta relação econômica com o espaço.

Uma região é, na verdade, o locus de determinadas funções da sociedade total em um momento dado. Mas, pelo fato de que, no passado, o mesmo fenômeno se produziu as divisões espaciais do trabalho precedentes criaram, na área respectiva, instrumentos de trabalho fixos, ligados às diversas órbitas do processo produtivo, aos quais se vêm juntar novos instrumentos de trabalho necessários às atividades novas e renovadas atuais (SANTOS, 1988, p. 48).

Outro autor que descreve o regionalismo é Roberto Lobato Corrêa (2000), relembra que a região é um termo muito importante para a geografia, não se podendo desvincular de seu caráter mais básico que é a divisão ou diferença entre áreas.

O termo região não apenas faz parte do linguajar do homem comum, como também é dos mais tradicionais em geografia. Tanto num como noutro caso, o conceito de região está ligado à noção fundamental de diferenciação de área, quer dizer, à aceitação da ideia de que a superfície da Terra é constituída por áreas diferentes entre si (CORRÊA, 2000, p.12).

Mas aponta o perigo de se cair no determinismo geográfico, que o ambiente limita as escolhas e modo de vida de uma determinada sociedade, sendo um problema recorrente nas discussões sobre o tema regionalização. Desta forma o autor propõe que, toda discussão sobre região no seu âmbito corresponde a uma crítica aos conceitos derivados do determinismo ambiental e do possibilismo (CORRÊA, 2000, p.09). Com esta preocupação, o estudo da regionalização se modificou, trazendo um caráter mais crítico e analisando as possibilidades geográficas e históricas que geraram as conexões entre os indivíduos e suas diferenças.

E toda discussão sobre região no seu âmbito corresponde a uma crítica aos conceitos derivados do determinismo ambiental e do possibilismo. O conceito de organização espacial tem todas as condições para aparecer na nova geografia. Pois o rápido processo de mudança locacional que se verifica no pós-guerra, afetando o arranjo sobre a superfície da Terra das formas criadas pelo homem, e envolvendo vultosos recursos, suscita a questão da eficiência máxima de cada localização rearranjada. Eficiência máxima, naturalmente, na ótica do capital (CORRÊA, 2000, p. 09).

Com o entendimento da formação da região, como uma divisão do espaço geográfico, temos a relação que seus habitantes desenvolvem por este subespaço. O regionalismo é formado pela relação de pertencimento que determinada cultura gera com sua região, obtendo um caráter de força política e força cultural.

Tentando fazer frente ao Estado-nação em busca de maior autonomia política e econômica (ou, hoje, de maior e mais direta inserção nos circuitos da globalização), os regionalismos se estruturam sempre sobre discursos que utilizam amplamente elementos atribuídos à cultura/história e à geografia, que dariam coesão ao grupo pelo fortalecimento de uma identidade regional. Para muitos autores a própria ideia de regionalismo implica, obrigatoriamente, em algum nível, uma construção simbólica em torno de uma identidade com o território (HAESBAERT, p. 53, 1997).

O que Haesbaert (1997) relata sobre o regionalismo se relaciona com a força cultural criada pelos gaúchos. Por um lado, temos a criação de símbolos e identidade histórica, mas por outro, o fortalecendo grupos separatistas que vão de encontro à



união federativa brasileira. O desenvolvimento dessa rede regional no sul do Brasil, transpassou seu território delimitado, criou-se uma cultura transpassando para outras regiões.

Por isso nossa noção de rede regional não é uma simples derivação dentro da concepção de região como rede. No nosso entender, a região deve continuar sendo definida privilegiando mais suas características enquanto território do que enquanto rede (embora, como sempre enfatizamos, estes se encontrem indissociavelmente ligados), ou melhor, inserida mais num processo reterritorializador do que desterritorializador. Daí a importância que sempre demos ao regionalismo político e à identidade cultural regional na definição de região, uma das escalas geográficas de apropriação e domínio, ao mesmo tempo concreta e simbólica, do espaço (HAESBAERT, p. 241, 1997).

O regionalismo no Rio Grande do Sul se tornou algo tão forte que as interpretações se divergiram, por um lado mais tradicionalista e outro chamado de nativista. Estas propostas ainda serão abordadas nos próximos capítulos deste estudo, mas se nota uma grande força do projeto de constituição territorial presente na região sul do Brasil através de uma base regionalista.

As disputas de poder estão presentes dentro de um território, sendo uma base forte para o surgimento de grupos regionais e que reforçam suas tradições. Os regionalismos emergem porque existe concretamente uma distribuição desigual, no interior de um país ou de uma unidade federativa, de poder político e/ou de poder e recursos econômicos (OLIVEIRA, p.113, 2009). Surge desta desigualdade, principalmente econômica, sendo um conflito contrastante com a cultura hegemônica e muito discutida por autores.

O termo regionalismo, nas semânticas da geografia e da economia regional, está conectado à escala infranacional, mas também indica as experiências transnacionais dos blocos regionais. Não obstante a imbricação entre as escalas e a aproximação entre o local e o global, a conceituação e a recorrência da escala transnacional expressa nos blocos regionais é distinta do significado da região enquanto construção intermediária (meso) em relação aos espaços nacionais (OLIVEIRA, p. 116, 2009).

Os discursos que fortalecem as tradições e o regionalismo presente no Rio Grande do Sul são carregados da relação de disputas econômicas entre o estado e o governo federal. Suas tradições se apropriaram de disputas de classe que ocorreram na formação da região sul, sendo uma base para desenvolver a identidade cultural local.

### 3.3 Música e geografia

A geografia e a música aparentemente são dois campos muito diferentes, mas suas relações podem ser muito profundas. A geografia cultural, sendo um campo desta ciência, foca nas relações entre a sociedade humana e seu ambiente, através de suas tradições e seu meio de propagação pelo espaço geográfico. Através da análise musical de uma determinada região, podemos notar que este é um meio de transmissão de ideias e valores, poderoso para se reforçar uma identidade.

O autor Lucas Panitz (2012) tornou-se uma forte referência da relação entre geografia e música, principalmente com a produção musical latino-americana. Para o autor a musicalidade se torna um meio acessível ao público, uma forma mais simples de memorizar a identidade cultural e memória de um povo.

A música é, talvez, o produto cultural mais presente no cotidiano das populações. Diferentemente da literatura e das artes plásticas, que requerem atenção e âmbito de consumo específicos, a música é consumida a todo o instante, sendo executada ao longo das tarefas mais corriqueiras, como em uma caminhada na cidade, ao praticar esportes, em viagens e deslocamentos diários, momentos de entretenimento ou descanso. No nível pessoal, ela cria repertórios subjetivos, organiza memórias (e conseqüentemente os lugares da memória), participa ativamente na sonorização da vida cotidiana, cria sentido ao mundo (PANITZ, 2012, on-line).

Outro aspecto importante para se ressaltar é o poder que a influência musical tem no espaço geográfico através do estudo de suas origens e autores. Sendo um indicador social de uma determinada época histórica e condições geográficas diversas. A música não surge do nada, toda a forma de arte tem uma intencionalidade com a função de comunicar, expressar as vivências de sua região ou território e desejos políticos de seu criador.

[...] desfaz-se aqui uma concepção idealista da atividade artística sem, contudo, desconsiderar sua dimensão subjetiva, seu carácter individual em termos de percepção e experimentação. O fundamental é ter em conta que as distintas determinações - sociais, culturais, políticas, econômicas e pessoais - se revelam no fenômeno musical, criam representações sociais e espaciais, agem no e sobre o espaço e (re)produzem a música de forma particular. Essas representações, forma de ações e (re)produções estão estreitamente ligadas ao interesse da geografia cultural e social contemporânea, uma vez que visualiza-se claramente no fenômeno musical aspectos relativos ao território e a territorialidade, à identidade cultural e territorial, às iniciativas e políticas culturais aos imaginários regionais, aos fluxos de produtos/pessoas/ideias, e as conseqüências do período técnico-científico-informacional nas atividades humanas, sobretudo nas criativas (PANITZ, 2010, p. 78-79).

Essas relações descritas por Panitz se relacionam com a música regional do produzida no Rio Grande do Sul, seus autores se utilizam da descrição das paisagens presentes no território, principalmente relacionadas ao Bioma pampa, e se utilizam de uma linguagem e sonoridade influenciadas pelos países fronteiriços do estado. As relações e redes geográficas, de símbolos e identidades estão muito presentes na musicalidade sul-rio-grandense e foi reforçada pelos grupos tradicionalistas.

Este processo da descrição da vivência de seus autores através da música está documentado na literatura sobre a temática, artigos enfatizam representatividade do cotidiano pela música. Seus autores descrevem aquilo que vivenciam, intimamente ligado à cultura regional e podendo criar uma imagem geográfica através do que é descrito.

A música está presente no cotidiano das pessoas, mesmo que servindo apenas como “trilha sonora” para atividades como o trabalho, as compras no supermercado, atividades esportivas, de lazer, cerimônias, rituais religiosos, etc. Ou seja, a música é capaz de transmitir “imagens” de um lugar, podendo servir como fonte primária para entender o caráter e a identidade dos lugares (CASTRO, 2009, p.13).

A experiência de vida destes autores se liga com seu sentimento de regionalismo, a dominância de uma determina cultural influenciou no desenvolvimento de sua arte. A influência dos grupos tradicionalistas acabou levando esta relação da música regional na descrição da paisagem regional, onde é interpretada de diversas formas pelos compositores.

A dimensão política da cultura manifesta-se ainda por meio da polivocalidade, isto é, das diversas possibilidades de interpretação da mesma paisagem. Esta não emite um único e de interpretação da mesma paisagem. Esta não emite um único e inequívoco sentido, nem um sentido a ser descoberto ao se decodificar as intenções daqueles que produzem as formas materiais que constituem a paisagem cultural. O sentido da paisagem cultural pode ser construído e reconstruído pelos diversos grupos sociais a partir de suas experiências. (CORREA, 2009, p. 04)

Nota-se esta força que a música tem no estudo da geografia cultural, na sua facilidade em descrever e interpretar o espaço geográfico e propagar os valores necessários para a constituição de um território. Através do estudo de uma composição musical pode-se descobrir as mudanças geográficas e sociais que determinada sociedade passou, seus costumes e paisagem vividas.

## **4 A IDENTIDADE TERRITORIAL GAÚCHA A PARTIR DA PRODUÇÃO MUSICAL TRADICIONALISTA**

Neste capítulo se encontra o desenvolvimento, trazendo o processo do estudo que foi trabalho em conjunto da análise musical. Inicialmente foi necessário a contextualização geográfica, da localidade e aspectos físicos da região e um contexto histórico, que trouxe a formação do estado do Rio Grande do Sul. Terminada a primeira abordagem, na segunda parte, é trazido os aspectos que caracterizam a identidade gaúcha e a criação de movimentos para disseminação desta cultura.

Com a conclusão das duas primeiras partes, pode-se partir para a análise das músicas escolhidas. Na terceira parte, tem a contextualização do ambiente em que estas músicas foram difundidas e a importância dos festivais musicais. Por fim, a análise das três músicas, através da fragmentação de suas letras, para observar o contexto que elas estão apresentando, separadamente e em conjunto, buscando o processo de constituição de território a partir da propagação de uma cultura dominante.

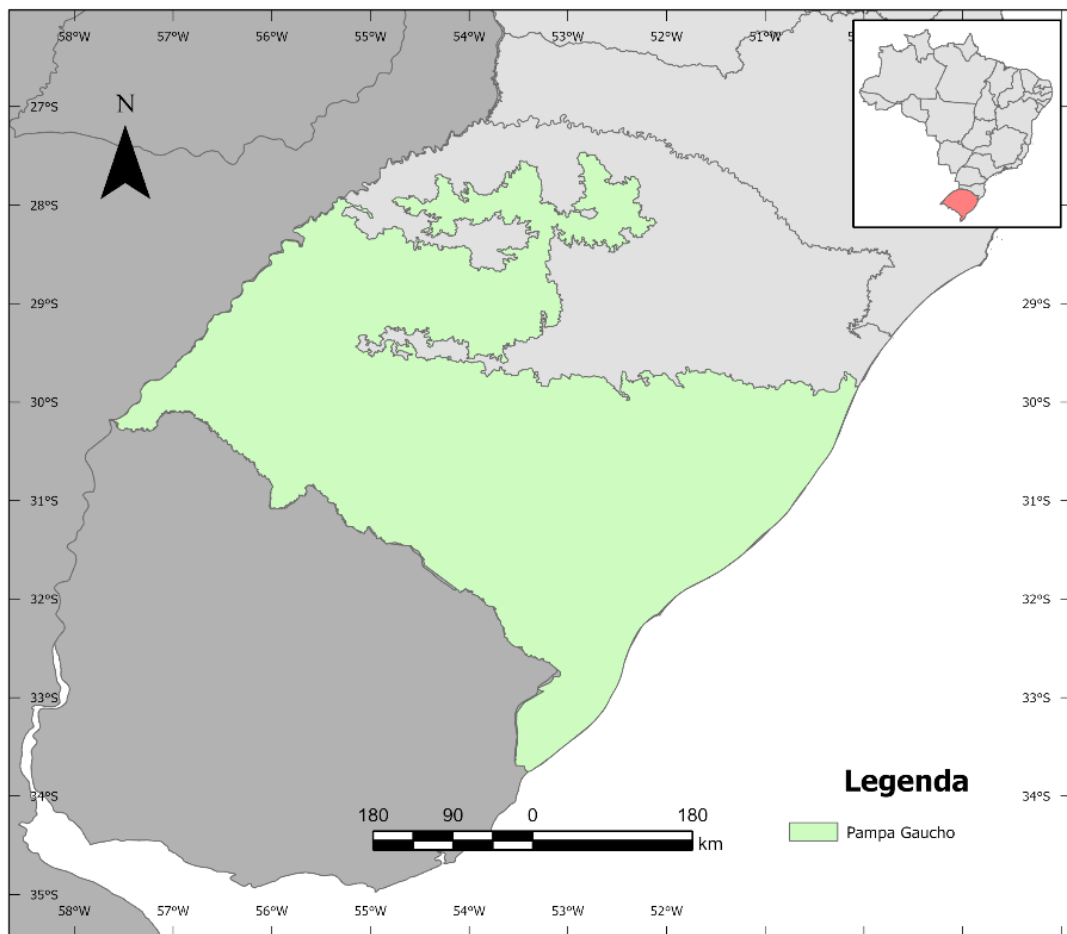
### **4.1 Desenvolvimento territorial do Rio Grande do Sul**

O Rio Grande do Sul está situado na região mais meridional do território brasileiro, se diferenciando geograficamente de boa parte do país por seu clima subtropical e planícies com coxilhas cobertas por vegetação rasteira. Este clima mais frio e com grandes regiões de campos abertos proporcionou uma forte cultura ligada à criação e corte do gado bovino. Esta região que proporcionou uma paisagem tão particular e os recursos ligados a economia regional é devido ao bioma Pampa, presente apenas dentro deste estado no Brasil.

Área de muitas designações: zona das coxilhas, região das campinas meridionais, Campanha Gaúcha. E, até mesmo, de modo errôneo e puramente literário, e nitidamente por extensão, região dos Pampas [...]. Seus famosos campos pastoris são prados mistos:- um tipo de prairie, da margem do grande domínio das pradarias pampeanas. É uma região de drenagem perene, porém menos densa e volumosa do que aquela que ocorre no planalto basáltico sul-brasileiro. As largas calhas aluviais de seus rios tendem para o padrão meândrico, incluindo sucessivas coroas arenosas (AB'SABER, 2003, p. 21).

Um bioma é o conjunto de vida vegetal e animal que se desenvolveu em uma determinada região, devido a um clima e geografia específicos. O Pampa brasileiro se desenvolveu por uma área de aproximadamente 176,5 km<sup>2</sup>, sendo o segundo maior bioma do país e devido a uma forte interferência antrópica, se tornou um dos mais ameaçados.

**Figura 1 – Mapa com Bioma Pampa no estado do Rio Grande do Sul**



Elaboração: Autor (2023)

O clima é outro aspecto muito importante para a paisagem que se desenvolveu na região, tanto o Pampa como outros biomas regionais sofreram algum tipo de influência de ordem climática. Sendo uma região subtropical, sua vegetação é típica de zona temperada, rasteira e adaptada para chuvas constantes.

[...] clima é temperado úmido. As chuvas estão distribuídas durante todo o ano, com certo predomínio nas estações do outono-inverno, as precipitações são mais abundantes nas porções de terreno de relevo acentuado [...]. Em termos gerais, e sem uma estação realmente seca, esta é ainda muita chuva e permite o desenvolvimento de uma densa vegetação de crescimento ininterrupto (SCHMITZ, 2007, p.13).

O Pampa brasileiro é uma vasta região de campos que se estende pelo na região sul do Brasil, fazendo fronteira com Uruguai e parte da Argentina, se estendendo por quase todo o Rio Grande do Sul. Este bioma proporcionou a criação da região da Campanha e Fronteira-Oeste, subdivisões famosas pela sua importância econômica, ligado à agropecuária, especialmente para produção de carne bovina e lã. É uma das principais paisagens naturais do Rio Grande do Sul, ligado diretamente a seu desenvolvimento econômico e cultural, sendo o aspecto natural que proporcionou a criação da identidade ligada à tradição gaúcha.

O modelo que é construído quando se fala de tradição gaúcha – qualquer que seja a perspectiva de quem as cultua – está sempre calcada no campo, mais especificamente na região da Campanha (localizada no sudoeste do Rio Grande do Sul e fazendo fronteira com a Argentina e o Uruguai) e na figura do gaúcho. Homem livre e errante que vagueia soberano sobre seu cavalo, tendo como interlocutor privilegiado a natureza, como ela se descortina nas vastas planícies dessa área pastoril do estado (OLIVEN, 2006, p. 97).

O desenvolvimento econômico da região também é um aspecto que impacta diretamente a geografia local, com a introdução de bovinos a natureza sofreu uma forte ação antrópica. As missões jesuíticas no Rio Grande do Sul utilizaram a criação de gado bovino como uma forma de fornecer alimentos e materiais para as comunidades locais, promover o comércio e integrar os indígenas na economia. No entanto, a expansão da pecuária na região teve impactos negativos sobre os povos indígenas e o meio ambiente.

As reduções indígenas, proposta pela Companhia de Jesus, transformam a apropriação do espaço com a fundação dos pueblos e suas estâncias, mas permanece o seu uso coletivo. Após a expulsão dos jesuítas se dá a apropriação das estâncias pelos sesmeiros, que tomam para si a terra, os rebanhos e o trabalho. Tanto no sul do pampa como nos campos do Planalto as estâncias particulares se multiplicaram. Mas não entraram nas áreas de mata densa. As companhias de colonização se aproveitaram destas áreas para trazer uma população camponesa que era excedente na Europa (FONTOURA, 2011, p.124).

A importância das missões jesuíticas vai além da introdução do gado bovino na região sul, mas se inicia o desenvolvimento da divisão de terras e da forte cultura ligada à agricultura e à pecuária. A expansão da fronteira pecuária levou à expulsão

dos indígenas de suas terras e o início dos conflitos entre jesuítas espanhóis e colonos portugueses. O desenvolvimento das estâncias na região, grandes extensões de terra voltadas para produção de charque, se intensifica através deste conflito.

Os conflitos internos que a região passava em sua maioria se tornavam de ordem econômica, o desenvolvimento de uma região voltada à pecuária criou uma região forte financeiramente, mas de forte desigualdade. Os estancieiros ricos utilizavam mão de obra escrava e para os homens livres não sobrava muito para conseguir seu sustento, o nomadismo e a marginalização.

Vertente gaúcha clássica da identidade sócio-espacial gaúcha, pois, se origina em meados do século XVIII da miscigenação de povos originários, europeus e africanos, indivíduos errantes na pampa sem cercas nem fronteiras estatais. A espacialidade desta vertente consiste em um espaço “aberto”, sendo que as territorialidades imperiais ibéricas não sobrepunham ou oprimiam a territorialidade gaúcha a ponto de esta última desaparecer, apenas operava uma estigmatização ao colocar os gaúchos à margem das leis dos impérios (FERNANDES, p. 67-68, 2016).

Quando se fala em desenvolvimento territorial do Rio Grande do Sul nota-se que não é tão diferente das demais partes do país, o Brasil caracteriza-se por ser uma nação em que as regiões e o regionalismo têm demarcado profundamente sua história política (HEIDRICH, 2000, p.127). As forças políticas regionais desenvolvem seus territórios, gerando conflitos com o poder central. Temos como exemplo a Revolução Farroupilha de 1835, que marcou a história gaúcha, devido a um embate de interesses da região e forças imperiais brasileiras.

Heidrich (2000) também delimita três pontos para a formação de um território, passa a existir quando ocorre: a) uma relação de apropriação das relações naturais por uma coletividade; b) uma organização das relações de modo a particularizar a coletividade; c) uma delimitação de acesso e uso do espaço. Estes elementos transformam o espaço em território, os gaúchos desenvolveram estas relações devido ao ganho econômico e modo de produção instaurado na região. A pecuária se tornou um aspecto importante desta identidade, influenciando nesta organização espacial, delimitando espaços através deste trabalho.

Outra característica para se destacar no desenvolvimento territorial do Rio Grande do Sul, é sua desigualdade regional. Com áreas historicamente mais desenvolvidas, por interesses econômicos, concentrando a maior parte da produção

e da renda, apresentando uma diferença na infraestrutura entre diferentes partes do estado. Este processo de desigualdade reforça aspectos identitários como ressalta Haesbaert (1999):

Diante da massa de despossuídos do planeta, em índices de desigualdade social e de exclusão cada vez mais violentos, o “apegar-se à terra”, a reterritorialização é um processo que vem ganhando força. Ele se torna imprescindível não somente como fonte de recursos para a sobrevivência física cotidiana, mas também para a recriação de seus mitos, de suas divindades ou mesmo para manter viva a memória de seus mortos. (HAESBAERT, 1999, p. 185).

A criação de uma identidade em um contexto desigual gera a identificação com a terra e o processo de territorialização. A produção de mitos e lendas transforma o processo de união da região mais fácil, gerando símbolos de fácil identificação e relação com o espaço vivido. Esta relação entre o material e o subjetivo é importante para o desenvolvimento de um território, a população gaúcha se identifica com sua região através de valores e os aspectos naturais presentes no clima, vegetação e geografia local

Partimos do pressuposto geral de que toda identidade territorial é uma identidade social definida fundamentalmente através do território, ou seja, dentro de uma relação de apropriação que se dá tanto no campo das idéias quanto no da realidade concreta, o espaço geográfico constituindo assim parte fundamental dos processos de identificação social. [...] De forma muito genérica podemos afirmar que não há território sem algum tipo de identificação e valoração simbólica (positiva ou negativa) do espaço pelos seus habitantes. (HAESBAERT, 1999, p. 172).

A geografia afetou diretamente o desenvolvimento social e histórico do Rio Grande do Sul, criando as bases para o que seria a identidade e territorialidade gaúcha. A cultura regional está ligada a um modo de vida que se desenvolveu dentro do Pampa, mesmo em áreas que não tem relação com este bioma, os ideais e maneirismos construídos estão direcionados a este ambiente.

#### **4.2 Simbolismo e identidade cultural ligadas e o surgimento do nativismo**

A formação do território do Rio Grande Sul vem de uma forte expansão agrícola e pecuária promovida pelos colonizadores europeus, o modo de vida da população se desenvolveu em relação à produção de charque. Os símbolos ligados à cultura gaúcha vêm desse passado, a população foi se constituindo, com fronteiras ainda não



muito bem definidas, entre povos originários (indígenas) que resistiam ao avanço português, africanos vindo através da escravidão e europeus.

Os diversos fatores que constituem esta cultura são fruto de uma geografia regional, sendo um palco para uma série de disputas de poder, e na história contemporânea foi instituído que o modo de vida do pampiano seria a identidade regional. Desta forma, tradições foram se construindo através do que se idealizava e denominava como “gaucho” e que posteriormente foi chamado de gaúcho.

Anterior às atuais fronteiras estatais, e experimentando um intenso movimento de limites territoriais (numa época em que as fronteiras entre os domínios das coroas espanhola e portuguesa eram abertas, com pouca ou nenhuma guarda, e de trânsito fácil entre os diferentes territórios), o espaço aberto da pampa foi berço dos denominados gaúchos, o agente social central para a presente regionalização. Com a historiografia produzida posteriormente à formação dos atuais Estados, tentou-se buscar elementos originais para cada nacionalidade, afetando em certa medida (mas não eliminando) o universo valorativo gaúcho, como adiante será argumentado (FERNANDES, p. 16, 2016).

Cada um destes povos que constituem a população do atual Rio Grande do Sul deu suas contribuições culturais para o que hoje temos como gaúchos. Muitas tradições, modos de falar e produção cultural tem a participação das vertentes culturais que constituem este estado, se misturando e se modificando com o processo. O “gaucho” era assim denominado aquela pessoa que vivia de maneira nômade pelo Pampa, facilitava o transporte de mercadorias, efetuava pequenos furtos e trabalhava para quem pagasse mais.

Com uma fronteira aberta, quando não em movimento, em que durante muito tempo o contrabando era o principal comércio, as condições gerais de vida eram praticamente as mesmas nas duas bandas da linha convencionalmente divisória, sendo ainda de notar que a maior parte do território rio-grandense, durante muito tempo, esteve ocupado pelas Missões o que colocava sob jurisdição espanhola. O gaúcho apareceu, na sua feição primitiva, em terras do Rio do Prata. E começou a esboçar-se como tipo social em 1536, data da primeira fundação de Buenos Aires. Seu aparecimento no Rio Grande ocorreria bem mais tarde, sob a influência dos mesmos fatos: pastagens abundantes e enormes rebanhos sem dono (REVERBEL, 1986, p.69).

O a palavra gaúcho carregava um tom pejorativo, para denominar este homem do campo, de vida livre e marginalizada. A ligação com a produção de gado fez com que o modo de vida estivesse sempre cercado de ranchos, galpões, fogueiras, natureza e sempre acompanhado de seu cavalo. Era uma vida de luta por

sobrevivência, com uma clara segregação de classes e perseguição das classes dominantes da época.

Com o passar dos anos, se criou um olhar contemporâneo para o gaúcho, foi um processo de reconstrução e idealização desse passado, retomando este personagem histórico, seu modo de vida e os símbolos a ele vinculados. Foi criado este "herói do passado" com o intuito de criar uma unidade para a população do estado.

Em meados do século XIX o tipo marginal do gaúcho estava praticamente extinto e, conseqüentemente, apto a ressurgir como instrumento de sustentação e imposição ideológica dos mesmos grupos que a tinham destruído. Assim em 1868, quando transcorria a Guerra do Paraguai, é fundada em Porto Alegre, por um grupo de intelectuais e escritores, o Partenon Literário, uma sociedade de intelectuais e letrados que tentavam juntar os modelos culturais vigentes na Europa com a visão positivista da oligarquia rio-grandense, através da exaltação da temática regional gaúcha (OLIVEN, 2006, p. 99).

Com o surgimento das ideias do Partenon Literário, temos o primeiro vislumbre do que iria se tornar a identidade predominante do estado. Estes intelectuais, ligados a uma cultura urbana, recriaram na figura do gaúcho uma centralidade de valores que deveriam ser perpetuados. Foi se criando um modelo de exaltação cultural, através de grupos e agremiações por todo o estado, surgindo em 1948 o primeiro CTG, Centro de Tradições Gaúchas, iniciando o movimento Tradicionalista.

Como o nome sugere, o Tradicionalismo é um movimento ligado à tradição, retomando e perpetuando costumes de ordem cultural. Evocando o modo de vida do passado, ligado a uma figura mitificada do gaúcho, ligado mais ao processo da formação e modos de vida do latifundiário. Trazendo uma tradição mais ligada a valores rurais, ligado ao grande produtor de gado, ao pecuarista dono desta grande propriedade, sem realmente entrar diretamente nas questões políticas que se tinham naquele período.

Em entrevistas com alguns desses fundadores, figuras proeminentes do Movimento Tradicionalista Gaúcho, revelam que na maioria, eles eram descendentes de pequenos proprietários rurais de áreas pastoris de latifúndio, ou de estancieiros em processo de descenso social e que vieram à capital para estudar. Esse dados é significativo porque mostra que embora os fundadores do MTG, embora cultuam valores ligados ao latifúndio, não tem origem oligárquica rural. Ele evidencia também que o Tradicionalismo, desde seu começo, é um movimento urbano que procura recuperar os valores rurais do passado (OLIVEN, 2006, p.108).

A força do MTG vem com sua inserção de centros que valorizam a cultura gaúcha espalhados por todo o estado, famosos CTGs, que em dado momento transpassam as fronteiras estaduais. Desta forma é propagado tradições de vestimentas, a utilização do cavalo, a produção rural ligada ao cultivo e pecuária, consumo de erva-mate, entre outros aspectos que remontam a época do surgimento do gaúcho.

Os tradicionalistas tiveram um papel muito importante para a difusão da cultura gaúcha, em um processo que levou muitos anos, eles priorizavam um pouco de tudo “farroupilhismo”, civismo e literatura - mas sua caracterizava-se por seu aspecto associativo - o estabelecimento de laços de solidariedade no companheirismo do fogo-de-chão (LESSA, 1885, p.76). Estas rodas foram fundamentais para a propagação da cultura através da arte, propagando cantos, músicas, histórias, lendas e poemas, sendo muito efetivos para a disseminação da construção de identidade.

Esta construção identitária, segue um processo de delimitação de costumes, que tem o propósito de desenvolver um personagem, o Gaúcho, e paisagem que unifica visão paisagística do território, o Pampa. Sendo um processo artificial, com a tentativa de recortar tradições e desenvolver figuras que se conectem com a população regional.

Na figura do gaúcho, temos a generalização de uma figura social que cavalgava atravessando as fronteiras da pampa, não muito definidas, entre a região portuguesa e espanhola. Aspectos em comum são encontrados na construção deste personagem que é agrupado por Carlos Reverbel (1986):

Existem, porém, traços comuns (e fundamentais) [...]: o cavalo e o boi, condicionando a civilização gauchesca; a carne assada e o mate amargo; o couro e o sebo, representando o início de suas atividades econômicas; o contrabando, significando suas primeiras trocas comerciais vantajosas. (REVERBEL, 1986, p 69)

Juntando a cultura da pecuária e agricultura, com a necessidade da utilização do cavalo para cobrir grandes distâncias, um linguajar regional e a coragem de viver de uma prática ilegal, se cria um personagem que vai além do indivíduo histórico. Os tradicionalistas ainda, criam uma vestimenta típica para formalizar esta imagética, com

camiseta de botão, bombacha<sup>1</sup>, chapéu e lenço no pescoço. Estes elementos são os principais para a identificação do gaúcho tradicional por uma ótica contemporânea.

A cultura de beber chimarrão é algo muito forte na identidade gaúcha, sendo um legado vindo da cultura indígena. Um hábito que demonstra as influências dos povos originários na região, se repete não só no Rio Grande do Sul, como em países vizinhos, Uruguai e Argentina. O hábito de consumir erva-mate é uma tradição, mas seu consumo tem grande impacto econômico, os ervais gaúchos abrigaram muitos homens livres e pobres ao longo e na segunda metade do século XIX, em boa parte deste período, foi segundo produto mais importante na economia rural da Província (CHRISTILLINO, 2008, p. 08).

Para finalizar, um “palco foi montado”, a região do Pampa é a principal imagem de paisagem que se desenrola junto com a figura do gaúcho, mas não afeta toda sua sociedade ou está presente em todo o estado. Para desenvolver um sentimento de união territorial, que vai além das grandes planícies típicas desse bioma, foi a presença de uma estética voltada para o inverno, clima que afeta como um todo a população regional. O escritor e compositor contemporâneo Vitor Ramil (2004) traz a ideia de uma “estética do frio”:

A imagem me remete ao sul extremo, o sul do Sul, lá onde pampa e gaúcho, como mitos ou como realidade, são comuns a Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina. Era, portanto, além de uma reação ao estereótipo e seu peso, a reafirmação do antigo vínculo com os países vizinhos e a definição de um marco-zero simbólico das nossas contrapartidas “frias” às características do que se convencionou chamar de “brasilidade”. Minha busca de uma estética do frio, ao manifestar-se através de uma imagem visual, parecia reagir diretamente às imagens do carnaval tropical que eu vira na televisão (RAMIL. p. 21, 2004)

Esta estética traz uma ideia que está presente na musicalidade e no modo de se portar regionalmente. O frio é algo que afeta a todos, em todos os períodos históricos, e gera uma unidade na imaginação popular da paisagem que se constrói do estado.

Estes conjuntos de imagéticas regionais se unem para construir uma das mais fortes do estado. Fortalecido por movimentos tradicionalistas, se utilizaram de

---

<sup>1</sup> Tipo de calça masculina que, folgada nas pernas e abotoada na altura dos tornozelos, compõe um traje típico do Rio Grande do Sul. DICIO (2023, s/p)

diversas maneiras para propagar seus costumes pelo estado, principalmente através de festivais culturais. O que temos hoje de imagem do Gaúcho é uma junção de símbolos e valores históricos, interpretados por uma visão contemporânea para se criar uma unidade regional.

#### **4.3 Califórnia da Canção Nativa e suas músicas**

O Festival Califórnia da Canção Nativa é um evento musical que acontece anualmente na cidade de Uruguaiana, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Criado em 1971, por grupos ligados à cultura nativista, o objetivo do festival é promover a cultura e a música regional, bem como incentivar a preservação dessas tradições gaúchas. Atualmente o evento está em sua 44ª edição, com apoio do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) Sinuelo do Pago, com acesso mediante a ingresso ou público em épocas comemorativas,

Califórnia da Canção Nativa, o primeiro festival de música nativista do estado. Este festival que se realiza anualmente, serviu de modelo para os cerca de quarenta festivais existentes hoje no estado e que estão espalhando nas suas mais diferentes regiões. Esses eventos costumam reunir milhares de jovens que geralmente ficam acampados, seu ambiente e músicas evocando a vida campeira e os símbolos de uma identidade regional gaúcha. (OLIVEN, 2006, p.122)

A criação do festival deu origem a este movimento, sua relação histórica, pois sem a popularização da Califórnia durante os anos seguintes, não teríamos um movimento nativista de grande expressão regional.

[...] pela primeira vez utiliza-se o termo “nativista”, que no contexto poderia simplesmente ser substituído por “regional”. O termo “nativista”, contudo só passaria a ter uso corrente com a disseminação de festivais de “música nativista” por todo o interior do estado, a partir da década de 70, sendo o primeiro deles a Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul (SANTI, 2004, p. 20).

O movimento Nativista surgiu no contexto da criação do festival da Califórnia (1971), mas inicialmente não se destacam diferenças de grupos tradicionalistas gaúchos da época, sendo até mesmo mais conservadores que seus pares. Mas com o passar do tempo foi tomando formas e se ligando ao folclore gaúcho e às relações com outros povos lati-americanos.

Pode-ser-ia afirmar que está diante de um grupo de intelectuais que se vale de um certo conhecimento como forma de poder. Trata-se, em última análise, de ter o monopólio sobre o direito de afirmar o que é e o que não é tradição

e cultura gaúcha e também de exercer influência sobre o mercado de bens simbólicos. (OLIVEN, 1992, p.109)

Enquanto os tradicionalistas se apegam a aspectos dogmáticos de linguagem, vestimenta e modo de agir, os Nativistas se portam de maneira menos rígida. O que aparentemente pode ir de encontro com sua maneira mais conservadora de pensar, mas suas tradições não se ligam a fronteiras, mas a aspectos de uma territorialização que abrange todos os povos pampianos

Não se pode dizer que exista de direito um Movimento Nativista, mas é inegável que ele existe de fato. O nativismo não é dogmático, não está ligado a critérios pré-estabelecidos (...) Em música, quer experimentar, criar sem que alguém lhe esteja permanentemente avisando que tal coisa pode e tal não pode (...) Os Nativistas querem vestir-se como gostam e não segundo cânones de figurinos tradicionais (apud, OLIVEN, 1992, p.119)

Durante o festival, artistas e grupos musicais de todo o país são convidados a apresentar canções inspiradas na música latino-americanas, incluindo canções sagradas, canções de guerra, músicas tradicionais e contemporâneas. Além das apresentações musicais, o festival também conta com palestras, oficinas e exposições relacionadas à cultura gaúcha.

O Festival Califórnia da Canção Nativa é o grande evento de propaganda do movimento nativista, importante na agenda cultural do Rio Grande do Sul e é reconhecido como um dos maiores e mais importantes festivais de música do país.

Para desenvolver a análise musical foram escolhidas temáticas, que em conjunto, auxiliam nas relações geográficas com a construção da identidade gaúcha. Palavras-chaves foram divididas em quatro grupos, natureza, movimento, permanência e regionalismo.

A primeira canção analisada se chama “Reflexão”, interpretada pelo Grupo Marupiaras, escrita por Colmar Duarte e Júlio Machado da Silva Filho, foi a grande vencedora do 1º festival (1971) e trazida de volta como a música de abertura do primeiro LP da 20ª edição. Seu nome já traz um vislumbre do que vai se tratar a mensagem expressa na letra, um questionamento sobre o passar da vida do pampeiro.

## Reflexão

Para fugir a tristeza  
 Por buscar esquecimento,  
 Desejei ser como o vento  
 Que vai passando sozinho,  
 Sem repisar um caminho  
 Sem conhecer paradeiro  
 Quis ser nuvem ao pampeiro  
 Ser a estrela que fulgiu,  
 Quis ser as águas do rio  
 Fazendo inveja às areias  
 Em seu eterno viajar!

Um dia cansei de andar  
 E desejei novamente  
 Em vez de rio ser barranca,  
 Em vez de vento, moirão,  
 Em vez de nuvem, semente,  
 Em vez de estrela, ser chão!  
 Recém então aprendi  
 Que muita gente maldiz  
 Sua sorte - insatisfeita  
 Por não saber que é feliz

E nunca mais invejei  
 O destino das estrelas,  
 Que só enfeitam a noite  
 Porque o sol não pode vê-las;  
 As nuvens que submissas,  
 Vão onde o vento as levar  
 E o vento que passa triste  
 Porque não pode voltar!  
 (DUARTE e SILVA, 1971)

Aplicando a metodologia na música Reflexão, dividindo a letra nos critérios de estudo, a Tabela 1 apresenta os seguintes resultados:

Tabela 1: Música Reflexão

Aspectos do Territorialidade	Palavras-Chave
Natureza	pampeiro <sup>2</sup> , dia, vento, caminho, nuvem, estrela, água, rio, areias, barranca <sup>3</sup> , moirão <sup>4</sup> , semente, chão, noite, sol
Movimento	fugir, vento, nuvem, rio, areias, viajar, andar
Permanência	barranca, moirão, semente, chão
Regionalismo	pampeiro, fulgiu <sup>5</sup> , barranca, moirão, maldiz <sup>6</sup>

Elaboração: Autor (2023)

<sup>2</sup> Vento típico das regiões dos pampas. DICIO (2023, s/p)

<sup>3</sup> Margem mais alta de um curso de água, de um lago, de um rio. DICIO (2023, s/p)

<sup>4</sup> Marcos, estacas, esteios DICIO (2023, s/p)

<sup>5</sup> Fazer com que brilhe; tornar brilhante. DICIO (2023, s/p)

<sup>6</sup> Maledicência; fala maldosa; ação de quem difama ou busca denegrir. DICIO (2023, s/p)

Na divisão das palavras, nota-se a relação entre a natureza e as práticas do protagonista na música. Fazendo uma relação entre os aspectos na natureza que se encontram em sua vivência e o movimentar de sua vida, trazendo palavras que denotam fluidez, “vento”, “nuvem”, “rio” e “areias”. Por fim, cessou este contraste movimento, retrabalhando o que está presente de fixo na paisagem para sua, “barranca”, moirão, semente e cão.

Na primeira estrofe temos a relação entre a passagem da vida e os fluxos que se encontram na paisagem.

Para fugir a tristeza  
 Por buscar esquecimento,  
 Desejei ser como o vento  
 Que vai passando sozinho,  
 Sem repisar um caminho  
 Sem conhecer paradeiro  
 Quis ser nuvem ao pampeiro  
 Ser a estrela que fulgiu,  
 Quis ser as águas do rio  
 Fazendo inveja às areias  
 Em seu eterno viajar!  
 (DUARTE e SILVA, 1971)

A vida nômade e de liberdade no Pampa é retratada nesta estrofe, as relações com a natureza, trazem um teor não apenas de movimento constante, mas também de fuga. Constrói uma ideia de solidão, de uma pessoa que tenta fugir de algum acontecimento triste e deseja passar a vida em uma viagem constante. Mas em seguida temos uma mudança, trazendo novamente os fluxos, mas os contrapondo com suas contrapartidas fixas.

Um dia cansei de andar  
 E desejei novamente  
 Em vez de rio ser barranca,  
 Em vez de vento, moirão,  
 Em vez de nuvem, semente,  
 Em vez de estrela, ser chão!  
 Recém então aprendi  
 Que muita gente maldiz  
 Sua sorte - insatisfeita  
 Por não saber que é feliz  
 (DUARTE e SILVA, 1971)

Na sua segunda estrofe, o personagem descrito na canção percebe a necessidade de se fixar, fazendo a relação com objetos estáticos presentes no seu cotidiano. A reflexão que dá nome a música está sendo feita, que com o passar do tempo a vida nômade vai sendo substituída por um desejo de permanência e de



construção de lugar. Que se finaliza com o entendimento na última estrofe do passar do tempo, sendo algo inevitável e necessário de se não apegar ao que já passou.

E nunca mais invejei  
 O destino das estrelas,  
 Que só enfeitam a noite  
 Porque o sol não pode vê-las;  
 As nuvens que submissas,  
 Vão onde o vento as levar  
 E o vento que passa triste  
 Porque não pode voltar!  
 (DUARTE e SILVA, 1971)

Esta canção estava presente na primeira edição do festival, obteve a vitória e carrega consigo os diversos elementos que se repetem nesse tipo de música. As relações com as paisagens naturais é algo que chama a atenção, temos a construção do que era observado pelo Gaúcho que vagava pelo Pampa e sua relação forte com a natureza. A mudança dos objetos fluidos para algo fixo constrói a ideia de uma futura necessidade de permanência, “um dia cansei de andar” (1971) é falado pelo protagonista e em seguida ligado a elementos naturais da terra e do plantio de uma semente, dando uma conotação de tradição ligada ao território.

Este valor da tradição se mantém nas próximas obras abordadas neste trabalho, principalmente construindo uma relação com as paisagens naturais e modo de vida do passado. Na segunda música “Negro da Gaita”, campeã da 7ª edição (1977), escrita por Gilberto Carvalho e Aírton Pimentel, abre o 2º LP e é interpretada por César Passarinho, faz uma ligação direta entre os valores que são passados entre as gerações e a musicalidade que facilita esse processo.

Negro da Gaita  
 Mata o silêncio dos mates, a cordeona voz trocada  
 E a mão campeira do negro, passeando aveludada  
 Nos botões chora segredos, que ele juntou pela estrada

(Quando o negro abre essa gaita  
 Abre o livro da sua vida  
 Marcado de poeira e pampa  
 Em cada nota sentida)

Quando o pai que foi gaiteiro, desta vida se ausentou  
 O negro piá solitário, tal como pedra rolou  
 E se fez homem proseando, com a gaita que o pai deixou

E a gaita se fez baú para causos e canções  
 Do negro que passa a vida, mastigando solidões  
 E vai semeando recuerdos, por estradas e galpões  
 (CARVALHO, PIMENTEL, 1977)

O título da música também traz um aspecto importante da composição cultural que é constituído do Rio Grande do Sul. Definir uma etnia ao personagem principal da música é não deixar de esquecer o papel dos povos africanos na formação do povo sul-rio-grandense. Aplicando a metodologia na música Negro da Gaita, dividindo a letra nos critérios de estudo, a Tabela 2 apresenta os seguintes resultados:

Tabela 2: Negro da Gaita

Aspectos do Territorialidade	Palavras-Chave
Natureza	campeira <sup>7</sup> , estradas, poeira, pampa, pedra
Movimento	estradas, rolou
Permanência	baú, semeando, galpões <sup>8</sup>
Regionalismo	mates <sup>9</sup> , acordeona <sup>10</sup> , campeira, gaita <sup>11</sup> , gaiteiro <sup>12</sup> , piá <sup>13</sup> , proseando <sup>14</sup> , causos <sup>15</sup>

Elaboração: Autor (2023)

Na separação das palavras, os aspectos da natureza continuam a se mostrar presentes, sendo relacionados com seu passar da vida. O regionalismo também é muito forte nesta música, utilizando palavras muito típicas da região, quando é usando “recuerdos” denota uma influência da língua espanhola nos maneirismos regionais<sup>16</sup>.

Que não é diferente do resto do Brasil, mas muito forte no sul do país, é a tentativa de mascarar a importância que esta parte da população tem para com a formação do estado e o sofrimento que eles passaram na história da região. Podendo até fazer uma leitura de que não está sendo só retratado a relação de pai e filho na música, mas do passado e futuro da população africana, com a vinda de povos escravizados e seus descendentes brasileiros

<sup>7</sup> Que serve para ou está habituado aos trabalhos do campo. DICIO (2023, s/p)

<sup>8</sup> Construção coberta por telha, palha ou folha de zinco, geralmente sem parede num dos lados, destinada a armazenar material, maquinaria etc. DICIO (2023, s/p)

<sup>9</sup> Mate amargo, servido quente dentro de uma cuia chamada porongo, e bebido através de uma bomba DICIO (2023, s/p)

<sup>10</sup> Resolver de comum acordo; recordar; pôr de acordo; harmonizar. DICIO (2023, s/p)

<sup>11</sup> Na região sul do Brasil, o instrumento acordeon é conhecido como gaita. DICIO (2023, s/p)

<sup>12</sup> Aquele que toca gaita. DICIO (2023, s/p)

<sup>13</sup> Gíria usada no sul do Brasil que se refere a menino. DICIO (2023, s/p)

<sup>14</sup> Manter um diálogo com (alguém); bater papo, conversar. DICIO (2023, s/p)

<sup>15</sup> O que aconteceu; acontecido, caso, ocorrido. DICIO (2023, s/p)

<sup>16</sup> Palavras diferentes, gírias e expressões regionais que, mais uma vez, enriquecem a pluralidade cultural brasileira. DICIO (2023, s/p)

Nesta música temos novamente a citação do “Pampa”, com isso, nota-se a clara necessidade dos compositores de ligar a paisagem com os consumes que estavam sendo disseminados por estas canções. Uma roda de chimarrão, para contar histórias, era um costume que os idealizadores do movimento tradicionalista gaúcho costumavam praticar e é diretamente retratada pela canção. Outro aspecto forte neste trecho da música é o linguajar regional, com gírias e maneirismos regionais. As palavras “mates”, “acordeona”, “campeira”, “gaita”, “gaiteiro”, “piá”, “proseando”, “causos”, são palavras regionalizadas e podendo ser completamente entendidos apenas por quem vive neste cotidiano.

Voltando ao aspecto da tradição, a música continua com o que foi passado pelo pai do protagonista, com um pai gaiteiro que acabou falecendo. Novamente trazendo um ar melancólico, semelhante a trechos da música anterior, as dificuldades que se passam ao decorrer da vida e é relacionável ao clima regional. O frio trás esse aspecto de tristeza e adversidades que se deve enfrentar, criando no imaginário regional esta paisagem de climas mais baixos, da necessidade de fogo para se aquecer e sendo um contraponto com a musicalidade mais festiva e “quente” do resto do Brasil.

Quando o pai que foi gaiteiro, desta vida se ausentou  
 O negro piá solitário, tal como pedra rolou  
 E se fez homem proseando, com a gaita que o pai deixou

E a gaita se fez baú para causos e canções  
 Do negro que passa a vida, mastigando solidões  
 E vai semeando recuerdos, por estradas e galpões  
 (CARVALHO, PIMENTEL, 1977)

A música como este veículo de passagem de informação é citada através do instrumento da gaita, um nome popular para o acordeom, muito utilizado pelos músicos regionais. A sonoridade da gaita é um dos sinais que identificam as músicas tradicionais, junto com a canção em prosa, que tem a finalidade de contar histórias/causos.

Nesta letra faz essa grande menção a importância da tradição através do som, que com o trecho “semeando recuerdos”, não só fala reforça que a música fixa as informações orais de maneira mais fácil, mas a escolha de palavras retoma a ideia de plantio. O plantar, viver da terra tornou-se um aspecto cultural muito forte da cultura

gaúcha e novamente é citado, junto com as estruturas de estradas e galpões que marcam a paisagem que está se passando destas histórias.

A última música, "Descaminho", surgiu na 12ª edição (1982), escrita por Antônio Augusto Ferreira e Ewerthon Ferreira, interpretada por Délcio Tavares, abre o 3º LP. Tendo como foco a mudança do ambiente do campo para a cidade, a natureza diminui seu protagonismo, mas continua apresentando um forte contexto geográfico regional.

#### Descaminho

A lanterna da cidade, deslumbra os olhos da china  
 Que quando sai do seu pago, pelas luzes se fascina  
 As grossas mãos calejadas, de sanga, planta e capina  
 Se acende a luz do desejo, de cambiar de pago e sina

Vê seu rancho tão pequeno, que aos de casa contamina  
 Sonha os filhos, de empregados, as charlas pelas esquinas

Sorte melhor ao campeiro, que se consome na lida  
 Seguir o rastro dos outros, que ergueram rancho na vila  
 Que ergueram rancho na vila, que ergueram rancho na vila  
 Que ergueram rancho na vila, que ergueram rancho na vila

A mesma luz da cidade, a mais olhares fascina  
 Lá se vai o plantador, vender as terras que tinha  
 Buscar trabalho no povo, operário de oficina  
 Vender a força e saúde, soltar as filhas na vida

A carreta vai envergada, os ombros vão mais ainda  
 Logo, logo estão changueando, por um prato de comida

Lavando roupas pra fora, pegando frete e capina  
 Pra encher a boca dos filhos, e encher a vida vazia  
 E encher a vida vazia, e encher a vida vazia  
 E encher a vida vazia, e encher a vida vazia  
 (FERREIRA e FERREIRA, 1982)

Aplicando a metodologia na música Descaminho, dividindo a letra nos critérios de estudo, a Tabela 3 apresenta os seguintes resultados:

Tabela 3: Descaminho

Aspectos do Territorialidade	Palavras-Chave
Natureza	sanga <sup>17</sup> , planta, capim
Movimento	sai, rastro, buscar
Permanência	rancho <sup>18</sup> , terras, pago <sup>19</sup> , erguendo
Regionalismo	china <sup>20</sup> , pago, sanga, sina <sup>21</sup> , rancho, charles <sup>22</sup> , campeiro, lida <sup>23</sup> , plantador, carreta, changuendo <sup>24</sup> , capina, frete <sup>25</sup>

Elaboração: Autor (2023)

É uma canção que apresenta o contexto de êxodo rural, a saída da população do campo para as regiões urbanas. A história se foca nessa mudança e percepção que a população do campo tem ao mudar para a cidade, principalmente na sua abertura quando o cantor fala “a lanterna da cidade, deslumbra os olhos da china”. Retratando troca para um ambiente mais iluminado e diferente do que havia nascido, apresentando suas expectativas na primeira parte da música.

A lanterna da cidade, deslumbra os olhos da china  
Que quando sai do seu pago, pelas luzes se fascina  
As grossas mãos calejadas, de sanga, planta e capina  
Se acende a luz do desejo, de cambiar de pago e sina

Vê seu rancho tão pequeno, que aos de casa contamina  
Sonha os filhos, de empregados, as charlas pelas esquinas  
(FERREIRA e FERREIRA, 1982)

O trecho da música retrata o vislumbre da mudança de paisagem para essas pessoas, a cidade é um ambiente grandioso, cheio de luzes que faz com que um pequeno rancho na memória se apague. A emoção é tanta que a imaginação se faz presente, trazendo novamente o aspecto geracional, a mãe sonha em ver os filhos em bons empregos e andando felizes por aquelas ruas. Em seguida a música marca no refrão o processo de êxodo rural, que aconteceu com outras famílias.

<sup>17</sup> Pequeno curso de água menor que um regato ou arroio, ou então um rio pequeno, que seca facilmente. DICIO (2023, s/p)

<sup>18</sup> Casa ou casa de campo

<sup>19</sup> Terra natal. Cidade de origem. Moradia. Saudades do meu pago. DICIO (2023, s/p)

<sup>20</sup> Nome dado às mulheres caboclas, morenas, geralmente descendentes de índio. DICIO (2023, s/p)

<sup>21</sup> Sorte ou destino. DICIO (2023, s/p)

<sup>22</sup> Ser um “homem do povo”, “homem forte, robusto”. DICIO (2023, s/p)

<sup>23</sup> Empenho extraordinário; esforço, labuta. DICIO (2023, s/p)

<sup>24</sup> Desejando, observando, mirando algo ou alguma coisa. DICIO (2023, s/p)

<sup>25</sup> Ato de transportar bens de um local para outro distante. DICIO (2023, s/p)

Sorte melhor ao campeiro, que se consome na lida  
 Seguir o rastro dos outros, que ergueram rancho na vila  
 Que ergueram rancho na vila, que ergueram rancho na vila  
 Que ergueram rancho na vila, que ergueram rancho na vila  
 (FERREIRA e FERREIRA, 1982)

Utilizando gírias e palavras de forte significado regional, este inicia a mudança do tom da história, marcando que estas pessoas começaram a se estabelecer no ambiente urbano. A palavra “rancho” é retratada aqui como um grupo de pessoas que fizeram este mesmo processo, esses “campeiros” que precisaram mudar de vida para acompanhar as mudanças que o tempo trouxe. Na continuidade, a música ganha um teor muito melancólico em sua letra, sobre as mudanças que não foram para melhor, mudando trechos até no refrão para que passe de um sentimento de esperança e sonhos, para de adversidades neste novo “mundo”.

A mesma luz da cidade, a mais olhares fascina  
 Lá se vai o plantador, vender as terras que tinha  
 Buscar trabalho no povo, operário de oficina  
 Vender a força e saúde, soltar as filhas na vida

A carreta vai envergada, os ombros vão mais ainda  
 Logo, logo estão changueando, por um prato de comida

Lavando roupas pra fora, pegando frete e capina  
 Pra encher a boca dos filhos, e encher a vida vazia  
 E encher a vida vazia, e encher a vida vazia  
 E encher a vida vazia, e encher a vida vazia  
 (FERREIRA e FERREIRA, 1982)

A segunda parte da letra carrega este tom de tristeza, com o fascínio e promessas que o ambiente urbano carrega não vão ser totalmente cumpridos. A mudança de um trabalhador rural para um operário, através da venda de tudo que tinha, pode não ser tão digna. Por fim, demonstra que a vida se tornou mais difícil e pesada para esta população que saiu do campo, podendo por fim passar fome e ficar na marginalidade da sociedade.

Esta música termina em uma mensagem fatalista para aqueles que saíram do campo para adentrar a cidade, reforçando que o trabalho no campo, mesmo difícil, era mais digno. Isso se torna mais uma prova da construção de narrativa cultural para reforçar a identidade da população do Rio Grande do Sul como aquela vinda de trabalhadores rurais. A identidade do gaúcho tradicionalista, que se volta para a vida do campo, é construída através da imagética de um povo que trabalhou e viveu uma

vida simples do plantio, mesmo com a produção de gado sendo predominante no estado.

As músicas aqui analisadas reforçam o aspecto de uma tradição vinda do Pampa, criando uma identidade cultural vinculada àquela paisagem. As canções reforçam o sentimento de passagem do tempo, mas ainda ligadas a um sentimento de identidade, em que se reforça aspectos culturais que tentam criar uma identidade comum para o estado.

Esta ligação com a terra, é muito notável ao se destringir as letras, apresentando relações com a natureza a todo momento. Descrevendo uma paisagem que se conecta às vidas das personagens retratadas, onde se observa chão, vento, raios e nuvens. Que o plantio está relacionado a estes aspectos naturais e se liga com o modo de vida que os músicos mais valorizam, ao campo.

Este trabalho do campo se torna uma relação comum para grande parte da população do estado, até mesmo aqueles que não se encontram na região do Pampa gaúcho. Desta forma, fazendeiros e trabalhadores rurais se identificam com as histórias retratadas nas letras, apresentam o trabalho rural como gratificante e a vida da cidade degradante, como é citado no trecho de Descaminho, “changuendo, por um prato de comida”.

A permanência se faz presente nos objetos fixos, estáticos, da paisagem, muitas vezes ligados à terra. Isso acontece pelo processo histórico de consolidação do território é devido a vida camponesa, voltada ao plantio e pecuária, feito por pequenos e médios agricultores. Este processo uniu a identidade de várias classes diferentes, mas também de povos que vieram, já estavam presentes ou foram forçados a se integrar à população regional, assim temos a mistura de negro, índio e europeus na formação étnica do gaúcho.

Outro forte aspecto comum entre as músicas é o movimento de suas personagens, tentando retratar o Gaúcho nômade e livre do Pampa. Constantemente falando em caminhos tomados durante a vida, as músicas retratam estas passagens até a chegada em um local de repouso, podendo ser permanente ou não. Este

processo vai construindo esse imaginário de liberdade pelos campos pampianos, mas que em seu fim sempre se conecta com a terra.

As canções da Califórnia da Canção Nativa é um instrumento muito de passagem de informação e construção de uma identidade específica, ligado ao tradicionalismo e nativismo gaúcho, com a tentativa de criar um personagem que retrata a população do estado. As letras, prosas e poemas reconstróem uma paisagem única brasileira, reforçam a figura do pampeiro e agregam os signos que se refletem na construção da identidade Gaúcha. Músicas que fazem parte do cotidiano da população do campo e urbana, que integraram a população e construíram um sentimento de identidade.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa teve como objetivo analisar a relação entre a geografia e a música, foi possível identificar que as relações humanas com seu espaço exercem grande influência nas artes, e a música é um instrumento de fácil propagação e assimilação de construção de identidade regional. As canções são uma forma de expressão cultural e podem refletir aspectos da geografia, como paisagens, clima, fauna e flora, além de aspectos sociais, políticos e econômicos de uma região.

Além disso, foi possível constatar que a relação entre geografia e música é multifacetada e pode ser estudada a partir de diferentes perspectivas, como a análise de letras, ritmos e instrumentos musicais, a identificação de estilos musicais regionais, entre outros.

A história e ocupação do estado do Rio Grande do Sul reflete uma pequena parte da história brasileira e está presente em sua produção musical regional. Sua natureza e costumes são aspectos que constantemente aparecem em canções, desenvolvendo um imaginário regional. Esta força artística criou-se uma identidade de grande expressão cultural no estado e é facilmente identificada por todo o país pelo tradicionalismo e cultura gaúcha.

O território do Rio Grande do Sul é apresentado nas músicas com uma forte relação com o Pampa e seus habitantes. As canções retratam a natureza presente nos vastos campos deste bioma e no modo de vida ligado ao trabalho no campo da população local, com a tentativa de construir uma identidade que se relacione com a população do estado como um todo. Se desenvolve um imaginário idealizado do gaúcho para que se construa uma identidade para o território e fortaleça uma unidade regional.

Os grupos que incentivam a propagação da cultura gaúcha, tradicionalistas e nativistas, se inspiraram em uma figura de um tempo específico para tentar criar uma unidade regional. É importante frisar que a população do estado como um todo não se assemelha ou se utiliza de costumes e cultura propagadas por este grupo, mas tem uma forte identificação. Este processo se intensifica com a propagação de festivais que incentivam a cultura gaúcha pelo estado e mantém a força ao passar dos anos.

A Califórnia da Canção Nativa é um festival que perdura até os dias de hoje, servindo de exemplos para experiências semelhantes. Reflexão, Negro da Gaita e

Descaminho, são uma pequena amostra artística propaganda pelo evento, mas se relacionam em suas musicalidades semelhante, criando um breve contexto da proposta dos idealizadores do evento. Sendo um evento idealizado por grupos Nativistas, as músicas além de contribuírem com a construção da identidade gaúcha, incentiva a aproximação com outros povos latinos.

Pode-se afirmar que a música regional teve um papel de extrema importância para a construção da identidade gaúcha, principalmente analisando um festival que prioriza uma determinada identidade cultural para o estado. A musicalidade é um instrumento que se propaga facilmente entre os diversos grupos que compõem a população do Rio Grande do Sul e se percebeu uma intencionalidade destes grupos, principalmente nativistas, de fortalecer a cultura ligada ao Pampa. Retratando aspectos da paisagem natural e dignificando o trabalho no campo, agregam temas que unificam a região.

Música é uma arte comum a todas as sociedades humanas, sendo produzida através da nossa voz e instrumentos. É um meio de propagar uma mensagem, aquele que produz a música necessita que tenha uma outra pessoa que a escute e interprete o que está sendo falado e descrito. Uma canção está principalmente ligada a um contexto histórico e principalmente geográfico, pois quem a produz não está livre de influências de seu meio e para geografia pode ser um relato fundamental para retratação de um espaço.

Por fim, a análise musical das obras apresentadas na 20ª edição das Califórnia da Canção Nativa são uma ferramenta de constituição de território, através do fortalecimento de identidade regional específica. Estas canções apresentam a geografia e costumes regionais, tornando-se de fácil identificação pela população do estado. Assim, este estudo contribui para a compreensão da interação entre a geografia e a música, e evidencia a importância de se considerar as dimensões culturais e territoriais para uma análise mais completa da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz. **Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. Ateliê Editorial. 7ª Ed. São Paulo. 2003
- ALMEIDA, Maria Geralda de (org). ARRAIS, Tadeu Alencar (org). **É geografia, é Paul Claval**. UFG. Goiânia. 2013
- BAUER, M.W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto e imagem e som: Um manual prática**. 2ª Ed. Editora Vozes. São Paulo. 2002.
- CASTRO, Daniel de. **Geografia e Música: a Dupla Face de uma Relação**. Espaço e Cultura. UERJ. N 26, P 7-18. Rio de Janeiro. Jul/Dez. 2009
- CHISTIANO, L. C. Gritos no silêncio: a resistência dos ervateiros no Rio Grande do Sul na segunda metade do XIX. XIII Encontro Regional de História. Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: <<http://surl.li/fpmfr>> Acessado em: 19 de março de 2023.
- CLAVAL, P. **Geografia Cultural: Um Balanço**. Revista Geografia (Londrina), v. 20, n. 3, p. 005-024, set/dez. 2011
- CORRÊA, R. L. **Região e Organização Espacial**. 7ª Ed. Editora Ática. São Paulo. 2000
- DICIO. Dicionário Online de Língua Portuguesa, 2023, Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 25/04/2023
- FERNANDES, Rafael Zilio. **A identidade socio-espacial gaucha em suas vertentes e espacialidades correspondentes**. Boletim Gaúcho de Geografia, v 43. nº 2. Dezembro. 2016.
- FONTOURA, L. F. M. **A desigualdade regional no Brasil meridional**. *GEOgraphia*. Porto Alegre. 2011
- LESSA, Barbosa. **Nativismo: um fenômeno cultural gaúcho**. L&PM. Porto Alegre. 1985.
- GILL, Rosalind. **Análise de Discurso**. in: BAUER, M.W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto e imagem e som: Um manual prática**. 2ª Ed. Editora Vozes. São Paulo. 2002.
- GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, v. 35. n3. mai/jun. 1995. Acessado em: 03/02/2023. Disponível em: <[encr.pw/w2JgU](http://encr.pw/w2JgU)>
- HEASBEART, Rogério. **Território e Multiterritorialidade: um Debate**. *GEOgraphia*. Ano IX. Nº 17. 2017.

- \_\_\_\_\_. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste.** EDEFF. Rio de Janeiro. 1997
- \_\_\_\_\_. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org.) *Manifestações da cultura no espaço.* Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 169-190.
- HEIDRICH, A. *Além do latifúndio: geografia do interesse econômico gaúcho.* Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.
- DUARTE, C. P. SILVA, J. M da. Reflexão. in: *California: 20 Anos da Canção Nativa do RS Vol 1.* RS. Brasil. 1990
- LUNA, S.V.de. **Planejamento de pesquisa: uma introdução.** São Paulo: Educ, 1997
- OLIVEIRA, A. E. A de. **Marxismo e questões regionais.** São Paulo, vol.19 n.35, p.112-128, jul./dez. 2015.
- OLIVEN, Ruben George. **A Parte e o Todo: A diversidade cultural no Brasil-nação.** Petrópolis. Editora Vozes. 2006
- PANITZ, Lucas Manassi. **Geografia e Música: uma Introdução ao Tema.** Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. Vol. XVII, nº 978, 30 de maio de 2012. Acesso em: 04/03/2023. Disponível em: <<https://www.ub.edu/geocrit/b3w-978.htm>>
- \_\_\_\_\_. **Por uma Geografia da Música: O espaço geográfico da música popular platina.** UFRGS. PPG de Geografia. RS. 2010.
- CARVALHO. G, PIMENTEL, A. Negro da Gaita in: *California: 20 Anos da Canção Nativa do RS Vol 2.* RS. Brasil. 1990
- RAMIL, Vitor. *A estética do frio: conferência de Genebra.* Porto Alegre: Satolep, 2004.
- RAMIRES, Julio Cesar de Lima. PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. **Pesquisa qualitativa: conceitos básicos.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013
- REVERBEL, Carlos. **O Gaúcho: Aspectos de sua Formação no Rio Grande e no Rio da Prata.** L&PM. Porto Alegre.1986
- SANTI, Álvaro. **Canto Livre? O Nativismo gaúcho e os poemas da Califórnia da Canção Nativa do Rio Grande do Sul.** Dissertação. Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 1999
- \_\_\_\_\_. *Do Partenon à Califórnia: O Nativismo Gaúcho e suas Origens.* Editora UFRGS. Porto Alegre. 2004
- SANTOS, Fernando. Marsaro dos. **Análise de Conteúdo: A Visão de Laurence Bardin.** Revista Eletrônica de Educação, v. 6, n. 1, mai. 2012
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método: Uma Palavra a Mais.** Nobel. São Paulo. 1988.

SAQUET, M. A. **As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade**. Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 43, p 55-76, jan./jun. 2007

SCHMITZS, Pedro Ignácio. **O mundo da Caça, da Pesca e da Coleta**. Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS. São Leopoldo. 2006

Sem autor: Os Sotaques Brasileiros e Expressões Regionais. GAMA! Traduções e Interpretações, 2018. Disponível em: <<http://surl.li/fpkby>>. Acesso em: 19 de Março de 2023

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p

VASCONCELLOS, M. A. Descaminho. in: *California: 20 Anos da Canção Nativa do RS* Vol 3. RS. Brasil. 1990

**ANEXO A – LETRA DA MÚSICA “REFLEXÃO”**

Reflexão (1990) - Cecília Machado Lopez, Colmar P. Duarte, Julio Machado da Silva  
Califórnia: 20 Anos da Canção Nativa do RS, Vol. 1

Para fugir a tristeza  
Por buscar esquecimento,  
Desejei ser como o vento  
Que vai passando sozinho,  
Sem repisar um caminho  
Sem conhecer paradeiro  
Quis ser nuvem ao pampeiro  
Ser a estrela que fulgiu,  
Quis ser as águas do rio  
Fazendo inveja às areias  
Em seu eterno viajar!

Um dia cansei de andar  
E desejei novamente  
Em vez de rio ser barranca,  
Em vez de vento, moirão,  
Em vez de nuvem, semente,  
Em vez de estrela, ser chão!  
Recém então aprendi  
Que muita gente maldiz  
Sua sorte - insatisfeita  
Por não saber que é feliz

E nunca mais invejei  
O destino das estrelas,  
Que só enfeitam a noite  
Porque o sol não pode vê-las;  
As nuvens que submissas,  
Vão onde o vento as levar  
E o vento que passa triste  
Porque não pode voltar!

## ANEXO B – LETRA DA MÚSICA “NEGRO DA GAITA”

Negro da Gaita (1990) - César Passarinho, Gilberto Carvalho, Airton Pimentel  
Califórnia: 20 Anos da Canção Nativa do RS, Vol. 2

Mata el silêncio dos mates,  
acordeona "voz trocada",  
e a mão campeira do negro,  
passeando, aveludada  
nos botões nascem segredos,  
que ele juntou pela estrada.

Quando o negro abre a gaita,  
abre o livro da sua vida.  
Marcado de poeira e pampa,  
em cada nota sentida.

Quando o pai que foi gaiteiro,  
desta vida se ausentou  
o negro piá, solitário,  
tal como pedra rolou.  
E se fez homem proseando,  
com a gaita que o pai deixou.

E a gaita se fez baú,  
para causos e canções  
do negro que passa a vida,  
mastigando solidões  
e vai semeando recuerdos,  
por estradas e galpões.

## ANEXO C – LETRA DA MÚSICA “DESCAMINHO”

Descaminho (1990) - Délcio Tavares

Califórnia: 20 Anos da Canção Nativa do RS, Vol. 3

A lanterna da cidade, deslumbra os olhos da china  
Que quando sai do seu pago, pelas luzes se fascina  
As grossas mãos calejadas, de sanga, planta e capina  
Se acende a luz do desejo, de cambiar de pago e sina

Vê seu rancho tão pequeno, que aos de casa contamina  
Sonha os filhos, de empregados, as charlas pelas esquinas

Sorte melhor ao campeiro, que se consome na lida  
Seguir o rastro dos outros, que ergueram rancho na vila  
Que ergueram rancho na vila, que ergueram rancho na vila  
Que ergueram rancho na vila, que ergueram rancho na vila

A mesma luz da cidade, a mais olhares fascina  
Lá se vai o plantador, vender as terras que tinha  
Buscar trabalho no povo, operário de oficina  
Vender a força e saúde, soltar as filhas na vida

A carreta vai envergada, os ombros vão mais ainda  
Logo, logo estão changueando, por um prato de comida

Lavando roupas pra fora, pegando frete e capina  
Pra encher a boca dos filhos, e encher a vida vazia  
E encher a vida vazia, e encher a vida vazia  
E encher a vida vazia, e encher a vida vazia